

RELAÇÕES SOCIAIS E MEIO AMBIENTE: VIVÊNCIAS NA COMUNIDADE DO RIO BAIXO ITACURUÇÁ, ABAETETUBA/PA

Joquebedi Cavalheiro dos Santos

Veni Creator Christian University.

<https://orcid.org/0009-0002-8515-5679>

Email: joquebedisantos@yahoo.com.br

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2025.V4N1>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2025.V4N1-10>

RESUMO: O trabalho tem como objetivo verificar as relações sociais que se desenvolvem na comunidade do rio Baixo Itacuruçá, Abaetetuba/PA. As relações entre os saberes locais, buscam apreender a prática cotidiana, através da qual os sujeitos reproduzem e revelam uma forma singular de produção de saberes e de organização social com foco na estruturação da subsistência familiar, que se faz por meio de atividades agrícolas e extrativistas e de suas relações com o meio ambiente em que vivem. A metodologia adotada neste estudo se caracteriza por uma abordagem qualitativa, englobando uma pesquisa bibliográfica em plataformas digitais e a análise dos dados obtidos. A coleta de informações foi realizada por meio de uma revisão bibliográfica em ambientes digitais e análise documental. A pesquisa nos permitiu identificar as discussões no meio acadêmico sobre as relações sociais que se desenvolvem na comunidade do rio Baixo Itacuruçá, Abaetetuba/PA e de suas relações como o meio ambiente. O referencial teórico se concentra na literatura encontrada nos estudos de diversos autores nível internacional e nacional como: Martins (2013), Lima (2015), Loureiro (2015), entre outros, mas principalmente em dois trabalhos publicados por Pojo (2017), e Pojo e Elias (2018). Os resultados apontaram que as relações sociais dessa comunidade são diversificadas e contribuem para o desenvolvimento de diversas atividades, causando a conscientização e valorização dos costumes ancestrais dos sujeitos que fazem parte da comunidade do rio Baixo Itacuruçá, Abaetetuba/PA.

PALAVRAS-CHAVE: Comunidade tradicional. Revisão bibliográfica. Relações sociais. Meio ambiente.

SOCIAL RELATIONS AND ENVIRONMENT: EXPERIENCES IN THE COMMUNITY OF RIO BAIXO ITACURUÇÁ, ABAETETUBA/PA

ABSTRACT: The aim of this study is to investigate the social relations that develop in the community of the Baixo Itacuruçá River, Abaetetuba/PA. The relations between local knowledge seek to capture the daily practice through which individuals reproduce and reveal a unique form of knowledge production and social organization focused on structuring family subsistence, which is done through agricultural and extractive activities and their relationships with the environment in which they live. The methodology adopted in this study is characterized by a qualitative approach, encompassing bibliographic research on digital platforms and analysis of the data obtained. Information was collected through a bibliographic review in digital environments and documentary analysis. The research allowed us to identify discussions in the academic environment about the social relations that develop in the community of the Baixo Itacuruçá River, Abaetetuba/PA,

and their relationships with the environment. The theoretical framework focuses on the literature found in studies by several authors at the international and national levels, such as: Martins (2013), Lima (2015), Loureiro (2015), among others, but mainly in two works published by Pojo (2017), and Pojo and Elias (2018). The results showed that the social relations of this community are diverse and contribute to the development of several activities, causing awareness and appreciation of the ancestral customs of the individuals who are part of the community of the Baixo Itacuruçá River, Abaetetuba/PA.

KEYWORDS: Traditional community. Bibliographic review. Social relations. Environment.

INTRODUÇÃO

Na Amazônia paraense, a interação entre os seres humanos e a natureza é singular e característica. Em Abaetetuba-PA, conhecida por seus habitantes destemidos e fortes, a vida das pessoas é permeada pelas águas, englobando tanto os que habitam a área urbana quanto aqueles que vivem nas proximidades de estradas e trilhas. A convivência harmoniosa com a fluidez das águas é essencial para os residentes das ilhas, que constituem um foco deste texto. Eles mantêm práticas e uma rotina que se entrelaça com os ambientes fluviais, florestais, além das áreas alagadas e das praias; cenários que possuem particularidades tanto ambientais quanto sociais.

Dentro dessa realidade comunitária as relações humanas têm um caráter tradicional, pois em comunidades quilombolas os valores ancestrais são tidos como uma forma de resistência e de sua própria valorização como ser social.

Estimular diálogos teóricos acerca da relevância das relações sociais que se desenvolvem na comunidade quilombola do rio Baixo Itacuruçá, Abaetetuba/PA considerando tanto os aspectos sociais e as relações como o meio ambiente nos apresentam várias possibilidades de conhecimento de como, hoje, essa sociedade preserva sua ancestralidade.

As demandas sociais existentes dentro dessa comunidade podem contribuir, ou interferir em seu crescimento. Nesse sentido, este é um assunto frequente, por isso é essencial que o pesquisador fique atento às suas necessidades e, acima de tudo, às diversas oportunidades para promover a valorização e a preservação dessas comunidades remanescentes de quilombos, estudando, incentivando e ajudando no seu desenvolvimento social sem que ocorra a perda de suas raízes ancestrais.

É evidente que, com essa nova geração, os meios tradicionais de se viver em sociedade não conseguem captar sua atenção durante as atividades sociais e de trabalho, nem se mostram eficazes para promover aprendizagens significativas. Por isso, é fundamental que o pesquisador vise promover pesquisas que valorizem esse modo de vida, proporcionando um melhor desempenho e aumentando as chances de sucesso no desenvolvimento dessas comunidades a partir da valorização de sua cultura e saberes. A adoção de novas estratégias e materiais nesse campo de conhecimento tem se tornado uma prática comum nas instituições de ensino, sendo considerada pelos professores como um recurso valioso para fomentar o resgate, a valorização e continuidade de valores sociais de comunidades tradicionais.

Este estudo visa, de maneira geral, demonstrar que as relações sociais que se desenvolvem na comunidade do rio Baixo Itacuruçá, Abaetetuba/PA sendo que as relações entre os saberes locais e a educação buscando apreender a prática cotidiana, através da qual os sujeitos reproduzem e revelam uma forma singular de produção de saberes e de organização social com foco na estruturação da subsistência familiar, que se faz por meio de atividades agrícolas e extrativistas e de suas relações com o meio ambiente em que vivem, e analisar como os estudos atuais sobre comunidades quilombolas podem contribuir para o avanço do reconhecimento e valorização das relações sociais dessas comunidades.

Diante do que foi apresentado, julgamos importante investigar este assunto, pois oferece opções que favorecem o crescimento do conhecimento acadêmico e social das múltiplas realidades vivenciadas no cotidiano de uma comunidade quilombola. Isso possibilita uma compreensão mais profunda sobre a relevância de reconhecer essas relações sociais específicas como sendo de grande contribuição para a sociedade em geral, que muitas das vezes tem preconceito por falta de conhecimento.

O presente estudo está estruturado em duas partes. Na primeira parte, abordamos referenciais teóricos sobre o surgimento e desenvolvimento de comunidades quilombolas rio Baixo Itacuruçá, Abaetetuba/PA, explorando seu contexto histórico, além de apresentarmos a metodologias da pesquisa. Na segunda, discutiremos os fundamentos teóricos investigados nos estudos de Pojo (2017), e Pojo e Elias (2018), sobre a

comunidade quilombola rio Baixo Itacuruçá, Abaetetuba/PA, finalizaremos com as considerações finais.

REFERENCIAL TEÓRICO

HISTÓRICO DO DESENVOLVIMENTO DA CIDADE DE ABAETETUBA/PA

A trajetória do surgimento de comunidades quilombolas na região do baixo Tocantins está intimamente ligada ao processo de povoamento dessa região, sendo de suma importância fazer essa relação.

D acordo com Rodrigues (2023), “O distrito de Beja foi o berço da colonização de Abaetetuba. Por volta de 1635, padres capuchinhos vindos do Convento do Una, em Belém, após percorrerem os rios da região, juntaram-se a uma aldeia de tribos indígenas nômades”.

O aglomerado foi chamado de “Samaúma” e, depois, batizado de “Beja” pelo governador Francisco Xavier de Mendonça Furtado. Embora Francisco de Azevedo Monteiro seja considerado, no imaginário popular, o fundador, pois chegou para tomar posse desse território como proprietário de uma sesmaria. Na beira do rio Maratauíra, num local protegido das marés pela ilha de Sirituba e nas proximidades do sítio Campompema e da Ilha da Pacoca, fundou um pequeno povoado, em 1724.

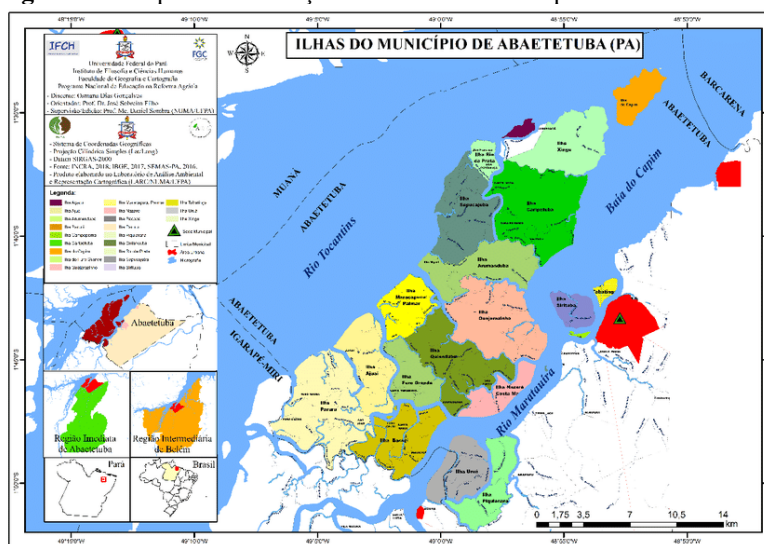
A cidade tem um Patrimônio histórico, paisagísticos e culturais digno de ser visitado e admirado. Exemplos disso são as belas igrejas, algumas muito antigas como a Igreja de São Miguel Arcanjo, na centenária Vila de Beja e a Catedral de Nossa Senhora da Conceição, sede da Diocese de Abaetetuba, e outros mais moderno como a de Nossa Sra. de Nazaré e o Santuário de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, uma das maiores do estado.

No passado, o município ficou conhecido como a Terra da Cachaça, devido a próspera indústria de aguardente de cana localizado na época em Abaetetuba. Os Engenhos, no início do Século XX, eram contados às dezenas, porém hoje só existe as ruínas e apenas uma pequena unidade fabril, o Engenho Pacheco, que produz perto de 1.000 litros por mês de uma excelente cachaça que é usufruída por um pequeno número

de privilegiados dentro do próprio município. Esse símbolo local foi imortalizado nos versos de Ruy Barata ao cantar “só lembrar da mardita me lembrei de Abaeté”. (Rodrigues, 2023).

Em 1750, foi criado o distrito com a então denominação “Abaeté”, ligado ao município de Belém. O distrito foi desmembrado do Estado, e constituído como região autônoma e vila em 1880, pela Lei 973, de 23 de março. Em 1895, foi elevado à condição de cidade mantendo a denominação Abaeté via lei estadual n.º 334, mas em 1930, voltou a condição de distrito até 1935, quando foi elevado à categoria de município. Em 1943, o município de Abaete passou a ter a denominação “Abaetetuba” com a Lei estadual número 4505.

Figura 1 – Mapa de localização das ilhas do município de Abaetetuba-PA



Fonte: <https://www.artesol.org.br>

Abaetetuba está localizada a 126 Km da capital Belém, no nordeste paraense apresenta uma população de 153.380 mil habitantes, segundo dados do censo do IBGE em 2022 apresentando uma economia voltada ao setor terciário de comércio e serviços. Apresenta aproximadamente 72 ilhas, dos quais os principais meios de transportes são rabetas, canoas e barcos, este ano de 2025 completa 130 anos de emancipação. (Rodrigues, 2023).

A cidade Já foi conhecida durante muito tempo como a “terra da cachaça”, pois existiam muitos engenhos nas ilhas de Abaetetuba, porém esse título não existe mais, pois

o “auge” do período dos engenhos passou, o que restou hoje é somente uma fábrica de cachaça localizada na cidade, que abastece o mercado e comércio local, e também exporta seu produto para todo o Pará e Brasil.

Atualmente, Abaetetuba é reconhecida como a capital global do “brinquedo do miriti”. Todo mês de maio, a cidade realiza o Festival do Miriti, que se estende por uma semana de celebrações em uma das praças principais do município. Durante esse evento, são oferecidos pratos típicos e produtos de miriti, além de apresentações musicais, danças e a venda dos brinquedos confeccionados com esse material. Os habilidosos artesãos de Abaetetuba ganharam notoriedade durante o Círio de Nazaré em Belém, já que anualmente produzem os brinquedos para comercializá-los nas feiras e praças do evento na capital.

HISTÓRICO DO DESENVOLVIMENTO DE COMUNIDADES QUILOMBOLAS RIO BAIXO ITACURUÇÁ, ABAETETUBA/PA

O Itacuruçá é um rio comprido, que forma um conjunto paisagístico com áreas de terra firme, de várzea, de matas e, também, com faixas de areia. Partindo de Abaetetuba (da beira), leva-se em torno de 30 a 60 minutos para chegar até a comunidade, em um percurso entre águas.

Pojo (2017, p. 79), em sua pesquisa afirma que “Outra forma de se ter acesso a essa comunidade é sair pela rodovia PA 151, na altura do Km 16, antes de se chegar ao município de Igarapé Miri, percorrendo o ramal Itacuruçá ou Santa Rosa”.

Neto (2004, apud Pojo, 2017, p. 79) o rio é o “articulador fundamental e imprescindível para a organização e a qualidade de vida e de trabalho nessas comunidades”. As pessoas lidam não somente com ele, mas igualmente com os furos e os igarapés.

Outro autor que trata da temática de comunidades tradicionais na Amazônia é Machado (2005), no livro “Glossário abaeteense: palavras e expressões do linguajar regional”, faz menção aos termos: furo como “pequeno canal estreito de um rio que contorna uma ilha e, adiante, reencontra-se com o mesmo rio”; e Igarapé: “Pequeno rio.

É palavra tupi que, literalmente, significa ‘caminho de canoa’ (Machado, 2005, p. 17-18).

Essa comunidade tem todas as características de comunidades tradicionais ribeirinhas, pois os rios, os furos e os igarapés, que delimitam e contornam a área da comunidade, possuem diferenças e usos também diferenciados, pois de certa forma existe uma hierarquia entre eles. O rio é entre todas a maior referência, fazendo com que haja um movimento contínuo de embarcações e de pessoas, assim como a circulação de informações. Pojo (2017, p. 79) afirma que:

Exemplificando com o rio Itacuruçá, a parte do Baixo é a mais larga e é por onde se dá o acesso principal, mas a sua nascente está no Alto do rio. Na parte do Baixo, as marés permanecem por mais tempo o que permite o trânsito em toda a sua extensão, sendo que a exceção da Ilhinha. Já os furos e os igarapés são mais restritos em seus usos, devido ao fluxo das águas e, ainda, por possuírem um quantitativo pequeno de pessoas que moram cerca deles.

Partindo dessa visão Castro (1997), corrobora afirmando que:

O termo ‘ribeirinho’ na Amazônia serve para designar povos tradicionais que habitam às margens dos rios e que sobrevivem através de articulações com os recursos da terra e da mata, e com os cursos d’água. Os “[...] denominados ribeirinhos, na Amazônia, possuem uma referência, na linguagem, as imagens de mata, rios, igarapés e lagos, definindo lugares e tempos de suas vidas na relação com as concepções que construíram sobre a natureza.

Nesse sentido pode se perceber que essa comunidade quilombola se confunde com as características de comunidades ribeirinhas, mas se diferenciam por se reconhecerem como quilombolas e terem essa herança dos tempos de escravidão no Brasil, segundo Pojo e Elias (2018, p. 63):

No rio Baixo Itacuruçá, embora esteja demarcado como território quilombola, transitam práticas, sujeitos e comunidades de ribeirinhos e de quilombolas, em modos relacionais peculiares com a natureza e, cujas produções e manifestações dos sujeitos, não se separam, ao contrário, a vida gira em torno da relação com o rio, de cujas águas as famílias se sustentam nas práticas sociais, econômicas e culturais cotidianas que desenvolvem em torno do rio e adjacências. Assim, enredados em suas teias identitárias, os quilombolas se posicionam como uma “comunidade remanescente de quilombo”.

A partir dessa definição, podemos destacar a importância de se conhecer a formação, localização e organização dessa comunidade quilombola dentro do contexto da

realidade dos povos da Amazônia, que apresentam características específicas de ocupação do território, que vai além das peculiaridades de outras comunidades tradicionais, sendo que essas percepções são fundamentais para o desenvolvimento dessa pesquisa, pois conhecer essa percepção avaliza análises sob diferentes perspectivas e em diversos domínios científicos, incluindo a sociolinguística e as ciências sociais, que constitui o foco central deste trabalho.

AS RELAÇÕES ENTRE OS SABERES LOCAIS, ORGANIZAÇÃO SOCIAL DA COMUNIDADE QUILOMBOLA RIO BAIXO ITACURUÇÁ, ABAETETUBA/PA

Para entender melhor a participação das práticas e saberes locais da comunidade quilombola Rio Baixo Itacuruçá, Abaetetuba/PA, a partir do contexto da preservação dos costumes e da preservação dos saberes como um instrumento que pode propiciar avanços na valorização ancestral dessa comunidade. Partindo desse pressuposto, os fundamentos teóricos investigados para servir de base são os estudos de Pojo (2017), e Pojo e Elias (2018), pois esses estudos têm como lócus a comunidade quilombola rio Baixo Itacuruçá, Abaetetuba/PA.

Dentro dessa perspectiva que os estudos dessas autoras sobre as práticas e saberes locais dessa comunidade quilombola surgiram com um instrumento de renovação da valorização da cultura, visto que os saberes sociais estão intimamente ligados por usos e métodos ativos das práticas cotidianas das pessoas dessa comunidade que se utiliza de todos os recursos possíveis para tornar o ensino e a preservação de saberes e fazeres locais não se percam com o tempo visando promover e preservar essas experiencias sociais como um instrumento capaz de promover novas experiências de mundo sempre atrelado a praticas tradicionais como o plantio das roças e o beneficiamento de produtos agrícolas como a farinha, segundo Eliana Campos Pojo em sua tese de .doutorado em Ciências Sociais intitulada “Gapuiar de saberes e de processos educativos e identitários na comunidade do Rio Baixo Itacuruçá, Abaetetuba–PA”, afirma que:

As roças são porções de terra, que, no dizer deles, é *um pedacinho*, distribuídas na propriedade de alguns moradores ou por agrupamento familiar¹⁰⁸. No geral, os quilombolas agricultores possuem duas roças, uma do verão e outra do inverno, em que atuam sob a forma de

revezamento; isto é, quando estão preparando uma, estão colhendo a outra (Pojo, 2017, p. 106).

Partindo dessa conceituação a autora deixa evidente que as atividades laborais dos membros dessa comunidade extrapolam sua relação social, pois tem a função de entender e desenvolver nos mesmos a valorização de sua cultura a partir de sua relação em sociedade.

Outro fator importante, que deve ser observado é essa interação nesses momentos que de produção, pois o repasse de conhecimento ocorre de forma natural entre os membros dessa comunidade, segundo Pojo (2017, p. 109), em suas observações da relação de trabalho constatou que:

Neste fazer, a divisão do trabalho entre os gêneros ocorre da seguinte forma: o *derribar* e a *roçada* é de responsabilidade do homem; do plantio, participa toda família, inclusive algumas poucas crianças, sem obrigação de “dar conta de qualquer produção”. A capina é quase sempre praticada pelas mulheres, com pouca interferência dos homens enquanto a colheita é partilhada por todos. Observei que nas famílias envolvidas com este trabalho nem sempre é o homem quem possui o controle

Ainda segundo as observações de Pojo (2017, p. 109) é “Através do atendimento às necessidades diárias da família e das razões que os levam a optar por permanecer no ambiente rural, eles lutam e continuam com suas práticas sociais, trabalho e conhecimentos coletivos e reconhecidos”.

A partir desse pressuposto, pode-se inferir que ao mesmo tempo, que as relações sociais se desenvolvem dentro dessa sociedade a partir das relações dentro da lavoura corrobora com as afirmações trazidas pela pesquisadora, visto que, a agricultura faz parte da realidade dessa comunidade, pois eles estão envolvidos não só material, como também culturalmente com a terra.

É dentro desse contexto que vão se desenvolvendo repasses culturais, dos mais velhos para as crianças e os adolescentes, que vão incorporando, na convivência cotidiana, símbolos e saberes do trabalho e da vida local.

Com base nessa definição, a autora destaca que as relações de produção estão intimamente conectadas às tradições e à sua preservação dentro da comunidade. A cultura da mandioca desempenha um papel significativo tanto social quanto econômico

para milhares de famílias em diversas localidades dessa região da Amazônia, em especial na comunidade do Rio Baixo Itacuruçá, Abaetetuba-PA.

Os pequenos agricultores têm seu sustento advindo do cultivo da mandioca e da produção de farinha, que representa 80% a 85% da renda familiar. [...]. Essa cultura é fundamental na composição da dieta alimentar de colonos das comunidades do interior do município (Nahum; Santos, 2013, p. 66).

Cabe mencionar que os quilombolas tentam ao máximo manter e cultivar as tradições de seus antepassados por meio de diversas expressões religiosas, culturais, sociais etc. A título de exemplificação, pode-se citar o exposto por Pojo (2017, p. 114):

Além de geradora de trabalho, a farinha é um alimento indispensável na mesa dos quilombolas. A fertilidade de sua produção como um elemento essencial de trocas, de tradição e de fomento da cultura, ela se faz importante quando se pensa nas relações individualistas versus as comunitárias em tempos atuais e, em diálogo, com formas organizativas de fazer.

Assim, uma das questões observadas na pesquisa de Pojo, foi o que circula em termos relacionais durante e no processo de fazição da farinha nos retiros, enquanto realidade educativa, sociocultural e econômica. Partindo dessa visão, Santos (2014, p. 54), afirma que “fazer farinha não representa apenas um meio de trabalho para garantir o sustento da família, representa de sobremaneira parte do modo de vida e o exercício de uma cultura, repassada de geração para geração com suas transformações e permanências marcadas pelo tempo”. De acordo com a pesquisa de Pojo (2017, p. 115):

O espaço das *fazição* é identificado pelos agricultores como retiro, uma espécie de barracão coberto com telhas ou palhas e sem paredes. Constan de toras de pau que funcionam como bancos, de alguns tijolos arrumados com lenha onde fazem a *boia*, uma panela preta, copos e garrafas com água, além dos utensílios e equipamentos utilizados no processamento da mandioca. Somente alguns produtores possuem o tanque em alvenaria para o amolecimento da raiz e o búfalo, que serve de força de tração no traslado da lenha e da raiz.

No ambiente, destaca-se uma maneira singular de se alimentar. Todos que chegam ou já estão presentes consomem o que têm disponível: desfrutam do típico cafezinho e, na hora do lanche, como é costume, saboreiam mingau de açaí ou de arroz. Muitas vezes, a refeição principal é preparada no próprio retiro, enquanto em outras situações chega já

pronta, frequentemente acompanhada do delicioso açaí. Fui frequentemente convidada pelos agricultores a participar desses momentos.

Um outro aspecto importante a ser mencionado é que os retiros funcionam como ambientes sociais. Assim como em outras atividades, nessas áreas a mão de obra é predominantemente familiar e exige grande esforço físico. Nos dias de hoje, a produtividade da farinha sofreu alterações devido a diversos fatores: a redução das plantações em roças em razão da falta de trabalhadores rurais, a inadequação das infraestruturas nos locais e o elevado custo da farinha em relação ao trabalho necessário para produzi-la.

As diretrizes para a organização desses ambientes são implementadas com base no conhecimento que cada integrante possui sobre a prática e a ética das interações formadas. No que diz respeito às práticas, elas são semelhantes às realizadas em outras tarefas, como a agricultura ou a fabricação de cerâmicas. Pojo (2017, p.115), afirma que:

Nos procedimentos do gerenciamento entre vínculos familiares, os espaços do trabalho individual ou coletivo funcionam como círculos de convívio social pois estabelecem múltiplas formas de negociação visando a produtividade necessária. Estes espaços procedem da tradição da lavoura pelas famílias quilombolas, sendo uma das atividades mais antigas. Os donos preservam não só o seu saber local como também um resistir ancestral.

Outro trabalho acadêmico que faz referência a relação pessoais dentro dessa comunidade é o artigo publicado por Eliana Campos Pojo, em parceria com Lina Elias Dantas. Que traz como temática “O cotidiano das águas na tradição quilombola da comunidade do Rio Baixo Itacuruçá-Abaetetuba, PA”. Publicado em, 2018.

Ao publicar esse artigo as autoras se artigo propõe caracterizar as atividades produtivas exercidas por habitantes quilombolas e ribeirinhos da comunidade do rio Baixo Itacuruçá-Abaetetuba-PA, cuja reprodução da vida além de situar-se em torno do grupo familiar, combina relações estreitas com a natureza das águas dos rios com base em tradições locais.

Dessa forma, por dimensões simbólicas e ações comunitárias de grupo camponês entre outras formas da prática social, a tradição local e quilombola é produzida e vivificada pelo verter das águas, reinventa-se no regime de relação com as águas e a

cultura dessa comunidade, fazendo pulsar a vida social, a economia local e o ciclo produtivo. Segundo Pojo e Elias (2018, p. 50):

Eles convivem com costumes e uma rotina entrelaçada com os espaços dos rios, das matas, por áreas de várzea e de praia; contextos que apresentam especificidades ambientais e sociais, além da estreita ordem econômica. A exemplo, a imagem abaixo mostra a intimidade do homem com a natureza: em pé; próximo à *beira* do rio Maratauíra e de sua pequena canoa, retirando sua rede de pesca.

O autor argumenta que, nas comunidades tradicionais, como os grupos nativos brasileiros, incluindo ribeirinhos e quilombolas, a relação com o tempo e o espaço das águas possui um significado mais simbólico, sendo consideradas uma riqueza natural e um fator essencial nas atividades diárias. Em contraste, nas sociedades urbanas, as águas são vistas principalmente como um recurso ou produto de consumo. De acordo com Pojo e Elias (2018, p. 50):

Uma das características básicas desses povos é o fato de viverem em contextos rural-ribeirinho-quilombola onde a dependência do mundo natural, de integração com seus ciclos e produtos é fundamental para a produção e reprodução da vida material (subsistência) e imaterial (modo de vida e culturas). Uma grande parte deles vive às margens dos rios, no que intitulam.

A partir dessa definição, as autoras ressaltam que as interações com o ambiente insular se demonstram no respeito e na habilidade de lidar com o rio-mar; na disposição para navegar regularmente entre furos, igarapés e rios; na compreensão da ‘essência viva’ das marés, sejam vazantes ou cheias, e nos diferentes estados da água; na capacidade de reconhecer, com exatidão, os momentos adequados para a navegação em suas embarcações, bem como na consciência das fases da lua e sua conexão com o rio-mar. Esse conhecimento, que merece uma profunda reflexão e admiração, é desenvolvido por indivíduos que se relacionam diariamente com as águas.

De acordo com o exposto por Pojo e Elias (2018, p. 50), o fluxo e o tempo das águas influenciam, entre outras coisas, tradições socioculturais que se mantêm vivas através da transmissão de hábitos ao longo dos séculos. Essas tradições são repassadas pelos mais velhos às novas gerações e se manifestam nas brincadeiras infantis, nas atividades laborais, nos modos de locomoção e em diversos outros aspectos da vida cotidiana.

A família e/ou a comunidade local também desempenham um papel fundamental no estilo de vida dessas comunidades que cultivam para garantir sua sobrevivência. O que sobrar é levado diariamente até a área urbana para ser vendido. Esses conhecimentos, frequentemente compartilhados de maneira informal entre diferentes gerações, são transmitidos por meio da oralidade, representando experiências que remontam ao passado.

O cultivo extensivo de mandioca, juntamente com a extração de recursos vegetais, a fabricação artesanal com palmitos e a pesca, figuram entre as principais atividades econômicas desses grupos. Eles estabelecem vínculos de diferentes intensidades com a cidade e asseguram parte de sua alimentação a partir dos produtos originários de suas terras, florestas e corpos d'água.

A ideia de território já representa uma forma de apropriação, configurando uma característica distintiva que posiciona esses grupos como comunidades tradicionais. Trata-se de espaços habitados por pessoas de diversas gerações, que transcendem a mera noção de área geográfica e do aproveitamento dos recursos naturais presentes. Esses locais são moldados por suas histórias, dinâmicas sociais e culturais, com expressões simbólicas que refletem uma ocupação ancestral, alicerçada em tradições locais, interligadas pela fluidez e pela temporalidade das águas.

Nesse sentido, Pojo e Elias (2018, p. 50) referem-se à famosa narrativa da ilha da pacoca, aos antigos retiros e plantações centenárias, ao uso social e econômico das margens, ao constante e habitual deslocamento para a cidade, e às trilhas que se infiltram na floresta.

Considerando esse contexto, é importante ressaltar que a análise dos processos de tomada de decisão nos sistemas de produção familiar e o entendimento das estratégias locais voltadas para garantir a segurança alimentar e nutricional são questões centrais nas novas perspectivas sobre desenvolvimento regional e territorial.

Isso se deve ao fato de que as atividades agropecuárias contribuem para a formação simbólica e material de territorialidades e identidades específicas, especialmente no contexto dessa comunidade tradicional quilombola.

Segundo a pesquisa conduzida por Pojo e Elias em 2018, no que diz respeito aos métodos de produção da farinha de mandioca na comunidade, notou-se que, ao longo das décadas, houve poucas alterações no processo.

Os entrevistados afirmam que a introdução de máquinas altera o sabor da farinha. Eles destacam que a mandioca ralada no caititu (um tipo de ralador que pode ser acionado por motor elétrico, combustível ou tração mecânica) resulta em uma farinha com um gosto distinto em comparação àquela obtida por amassamento manual, sendo que, para eles e para outros consumidores, a farinha produzida manualmente é preferida. Observamos que os agricultores ainda utilizam algumas ferramentas de trabalho que foram adquiridas há bastante tempo, remontando à primeira geração de farinheiros, ou seja, há pelo menos 2 ou 3 gerações (Pojo; Elias, 2018, p. 56).

Para fundamentar a pesquisa, Pojo e Elias (2018, p. 56) baseiam-se no trabalho de Oliveira e Mota Neto (2004, p. 35), uma vez que esses autores destacam que “o rio desempenha um papel central e essencial na estruturação e na melhoria da vida e do trabalho nessas comunidades”.

Um dos autores consultados na pesquisa de Pojo e Elias foi Machado (2005), que em sua obra “Glossário abaeteense: palavras e expressões do linguajar regional” menciona os seguintes termos: furo, descrito como “um estreito canal de um rio que envolve uma ilha e, posteriormente, se reconecta ao mesmo rio”. Igarapé é definido como “um pequeno rio”, proveniente da língua tupi, cuja tradução literal é ‘caminho de canoa’. A partir das travessias observadas, pode-se concluir que o rio também serve como um espaço de interações benéficas entre os residentes, que se relacionam com a beira do rio.

É nesse ambiente que se observa um cotidiano particular: crianças escovando os dentes, mães lavando roupas nas cabeceiras das pontes; embarcações realizando o percurso para a cidade; e pessoas nas margens das pontes acompanhando o tráfego das embarcações.

Neste contexto, é importante analisar as mudanças que têm afetado o ambiente rural de Abaetetuba, que lida diariamente com modificações em seu cenário agrícola e hídrico. A região é marcada por uma intensa atividade de agricultura familiar, pesca artesanal, produção de farinha e seus subprodutos, além do cultivo de hortas caseiras. Essas práticas indicam uma adaptação a novos arranjos comerciais e produtivos que se

conectam fortemente ao modelo capitalista, onde a venda de terras para empresas se torna mais comum, enquanto a agricultura tradicional diminui.

Com base nessa perspectiva, Chauí (2008, p. 55) ao abordar o conceito de cultura, remete-se à origem do termo. “Assim como na agricultura, a cultura era entendida como uma atividade que leva à plena expressão das capacidades de algo ou alguém; era fazer surgir, gerar frutos, florescer e proporcionar vantagens”.

Com base nesse conceito, busca-se examinar os impactos e as principais transformações nos estilos de vida resultantes da incorporação de diferentes composições culturais e produtivas que enriquecem a rotina dos habitantes rurais dessa comunidade. Assim, os indivíduos não levam em conta apenas o caráter material da terra e das fontes hídricas; em vez disso, essas áreas são repletas de diversas interações sociais que fazem parte do cotidiano.

As composições culturais e produtivas da vida diária envolvem a conexão entre quintal, roça, rio e mata. Através da mata, são realizados diferentes tipos de atividades, como a coleta de lenha para a produção de carvão, a caça, a colheita de açaí e caminhadas nas vizinhanças e áreas adjacentes em busca de madeira disponível. A varja compreende diversas áreas, como a margem, a beirada, locais distantes, a foz do rio, a ponte e o trapiche, além de englobar os rios, furos e igarapés. Nesses espaços alternativos (como caminhos, cursos de água, quintais, recantos e roças), as pessoas não apenas dividem o espaço físico, mas também se relacionam de maneira colaborativa. Nesses locais compartilhados por famílias, os adultos se fazem presentes.

O desenvolvimento do conhecimento ocorre por meio da interação com crianças e adolescentes, seja por meio de atividades diárias ou de lazer. Essas experiências permitem que práticas e saberes sejam compartilhados e trocados entre eles. Em resumo, eles experimentam maneiras de oferecer, acolher e retribuir, cultivando a solidariedade entre si.

Baseando-se nas experiências do trabalho comunitário nas lavouras, do compartilhamento de recursos e do auxílio mútuo entre familiares, observa-se a vivência ativa das conversas entre vizinhos, os momentos de descanso na rede após as refeições, as assembleias da comunidade, as festividades do santo protetor e os banhos no rio.

Assim, a vida se entrelaça com o ambiente natural, onde os locais estão intimamente ligados às práticas sociais e produtivas. As relações de trabalho ainda se fundamentam fortemente na família, e a interação entre os seres humanos e a natureza ocorre em função das necessidades essenciais, e não apenas das questões lucrativas.

As práticas cotidianas refletem a habilidade criativa do ser humano e, por isso, promovem experiências educativas nas quais cada indivíduo aprende a dar continuidade às suas atividades de vida, reafirmando “[...] os fundamentos pelos quais a própria existência aprende e instrui sobre como viver e se desenvolver em qualquer forma de ser” (Brandão, 2009a, p. 13).

Um aspecto que influencia a formação das relações de conhecimento, destacado por Pojo e Elias, é a atividade dos adultos que levam as crianças para os retiros de farinha. Durante essas visitas, as crianças brincam e, assim, vão assimilando esse saber-fazer. Nesse ambiente comunitário, elas criam um sentido de pertencimento através das interações sociais que se desenvolvem, moldando suas identidades e narrativas pessoais.

Apesar das diversas transformações resultantes das mudanças na natureza e na vida contemporânea, os integrantes desta comunidade quilombola ainda buscam fortalecer seus laços afetivos e o sentimento de pertencimento.

Essas interações fazem com que a maioria das famílias locais crie e ressignifique símbolos e concepções, uma vez que essas pessoas acreditam que a continuidade da vida no território é viável por meio da união e luta coletiva do grupo. Elas permanecem engajadas em atividades agroextrativas, pesca e cultivo de roças, além da produção de farinha de mandioca. De certa forma, nesse espaço, os indivíduos mantêm a reprodução de seus estilos de vida, conhecimentos e processos identitários. Pojo e Elias (2018, p. 58) afirmam que:

[...] nos situa que o lugar pode ser definindo como produção e significado simbólico, círculo de vida, significado cultural e trabalho, sendo todos esses elementos mediados pelo sujeito em seus mais variados arranjos sociais. Segundo o autor, o lugar é onde se (re)constrói a vida, um espaço onde os seres humanos dão vitalidade às suas histórias, estabelecem suas relações com os seres e com a natureza, criam vínculos e convívios, laços de coletividade e de identidade.

Assim, um espaço torna-se um lugar quando recebe contornos e significados atribuídos pelas pessoas, sendo a interação social dos moradores uma das principais características que permitem a esses indivíduos (re)conhecer e moldar a realidade, segundo o autor. Dessa forma, quanto mais conectado emocionalmente a um lugar, mais valor será atribuído a ele. Assim, o afeto e a sensação de pertencimento ressaltam a importância do (re)conhecimento e da conexão com esse espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo visou investigar a interação que ocorre no ambiente social de uma comunidade quilombola do município de Abaetetuba, enfocando a relevância da implementação de práticas sociais dos membros dessa comunidade. Através de uma análise de literatura em fontes digitais e de estudos de autores especializados, é possível notar que as propostas de valorização e de preservação da cultura dessas pessoas está intimamente ligada ao seu processo produtivo e da relação entre eles e o meio onde vivem, sendo que dentre os trabalhos analisados para o desenvolvimento dessa pesquisa a farinha de mandioca que é um alimento comum entre as famílias, que representa uma importante fonte de alimento e renda demonstra ser um fator de repasse cultural, pois as práticas ligadas ao cultivo da mandioca e à fabricação de farinha, influenciam diretamente nas dinâmicas sociais dos mesmos.

Esse estudo possibilitou identificar os principais elementos que influenciam as decisões tomadas pelas famílias que permanecem na produção de farinha. É relevante notar a presença de formas únicas de intercâmbio e relações de cooperação que poderiam ser utilizadas para impulsionar as relações sociais dessa comunidade, sendo que é um aspecto que consideramos importante nesta pesquisa é a importância do diálogo, que se firma como fundamental para a comunicação entre diferentes áreas de relações sociais.

Observou-se também que os membros das famílias participam ativamente de todas as fases do processo e que existem colaborações com outros integrantes da comunidade. Um dos principais incentivos para a valorização e preservação dos saberes dessa comunidade é a preservação dos hábitos alimentares, valorizando o produto artesanal e tradicional.

Recomenda-se a realização de novos estudos para compreender mais detalhadamente as distinções entre valorização e preservação de uma cultura ancestral que esta intimamente ligada ao processo produtivo dessa comunidade, características essa que vem de geração em geração, assim como fortalecer o entendimento sobre a importância dessas atividades sociais tradicionais na comunidade quilombola do rio Baixo Itacuruçá, Abaetetuba/PA.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Olhar o mundo e ver a criança: ideias e imagens sobre ciclos de vida e círculos de cultura. *Crítica Educativa* (Sorocaba/SP), Vol.1, n.1, jan./jun. 2009, p. 108-132.
- CASTRO, Edna. Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais. In: CASTRO, E.; PINTON, F. (Org.). *Faces do trópico úmido: conceitos e novas questões sobre desenvolvimento e meio ambiente*. Belém: CEJUP; UFPA-NAEA, 1997. p. 221-242.
- CHAUÍ, Marilena. Cultura política e política cultural. São Paulo: *Estudos Avançados* 9 (23), 2008, p.71-84.
- MACHADO, J. Glossário abaeteense: palavras e expressões do linguajar regional. Abaetetuba: Alquimia, 2005.
- NAHUM, João Santos; SANTOS, Cleison Bastos dos. Impactos socioambientais da dendeicultura em comunidades tradicionais na Amazônia paraense. In: *revista de geografia agrária, Boa Vista*, v. 6, n. 12, 2013. p.63-80.
- OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; MOTA NETO, João Colares da. Saberes da terra, da mata e das águas, saberes culturais e educação. In.: OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. *Cartografias Ribeirinhas: Saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizando amazônidas*. Belém: CCSE-UEPA, 2004.
- POJO, Eliana Campos. *Gapuiar de saberes e de processos educativos e identitários na comunidade do Rio Baixo Itacuruçá, Abaetetuba-PA*. Doutorado em Ciências Sociais. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2017.
- POJO, Eliana Campos; ELIAS, Lina Dantas. O cotidiano das águas na tradição quilombola da comunidade do Rio Baixo Itacuruçá-Abaetetuba, PA. *Tempos Históricos*, v. 22, n. 2, p. 49-72, 2018.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

Submissão: setembro de 2024. Aceite: outubro de 2024. Publicação: janeiro de 2025.